

A Mídia e o Processo de Pulverização da Figura do Sujeito Cerebral

Gustavo Zambenedetti

Psicólogo. Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Campus Irati/PR. Mestre e Doutorando em Psicologia Social e Institucional / Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

End.: Rua Frei Orlando, nº 52, ap. 41. Bairro Centro. CEP: 84500-000 - Irati-PR.

E-mail.: gugazam@yahoo.com.br

Resumo

A expressão “sujeito cerebral” diz respeito a uma forma de relação consigo mesmo que expressa os modos contemporâneos de subjetivação, os quais têm tomado o cérebro como referência para o sentimento de identidade, definindo o que se é e o que/como se deve ser. O objetivo deste estudo é colocar em análise o modo como a figura do sujeito cerebral é veiculada na mídia, tomando como analisadores reportagens apresentadas em dois telejornais brasileiros. Entende-se que as reportagens possibilitam a compreensão do modo como a linguagem científico-acadêmica é agregada ao cotidiano, propiciando uma pulverização e naturalização da figura do sujeito cerebral. A partir da perspectiva da ontologia do presente, delineada por Michel Foucault, propõe-se deslocar aquilo que as reportagens veiculam da posição de evidência para a posição de problematização. Ao analisar reportagens que veiculam o que acontece no cérebro como explicação para comportamentos e transtornos mentais, discute-se a ambiguidade do significado da palavra “explicação”, assim como a diferença entre

o cérebro ser entendido como causa de determinado fenômeno ou condição de possibilidade para que ele aconteça. A partir de três reportagens que veiculam informações sobre diferenças ou similaridades entre os cérebros, respectivamente, de homossexuais e heterossexuais, pedófilos e não pedófilos, psicopatas e não psicopatas, discute-se as diferenças entre a delimitação de fatos e a atribuição de valores a tais fatos, assim como possíveis efeitos da confusão entre os dois processos. Apresenta-se, ainda, uma série de reportagens nas quais o cérebro aparece como matriz explicativa para fenômenos bastante diversos, apontando-se o movimento de generalização e pulverização da figura do sujeito cerebral. Afirma-se um posicionamento político que não desconsidera o avanço das neurociências e a importância do cérebro como um dos modelos explicativos para determinados fenômenos, mas que contesta a fetichização e autonomização do mesmo, chamando atenção para os riscos de tais processos.

Palavras-chave: *Sujeito cerebral, eu neuroquímico, subjetividade, mídia, psicologia social.*

Media and the Process of Spraying of the Figure of the Cerebral Subject

Abstract

The term "cerebral subject" refers to a way of expressing one's relationship with oneself. It expresses a contemporary mode of subjectivation, which has the brain as reference to the sense of identity, and to define who people are and what / how they should be. The goal of this study is to analyze how the figure of the cerebral subject is conveyed in the media, taking as analyzers stories presented in two Brazilian TV news programs. It is understood that the reports conveyed in the TV programs show how scientific-academic language is aggregated to daily life, providing a spraying and naturalization of the figure of the cerebral subject. From the perspective of the ontology of the present, outlined by Michel Foucault, it is proposed to interchange, from an evidence position to a questioning one, what the reports convey. In examining reports that show what happens in the brain as an "explanation" for behavior and mental disorders, it is discussed the ambiguous meaning of the "explanation" term, as well as the difference between the brain understood as a cause of a particular phenomenon or a condition of

possibility for it to happen. Based on three stories that show differences or similarities of heterosexuals' and homosexuals' brains; pedophiles' and not pedophiles'; and psychopaths' and non-psychopaths', it is discussed the demarcations between facts and the assignment of values to these facts, as well as possible confusion effects of the two processes. It is also presented a set of stories where the brain appears as an explanatory matrix for quite different phenomena, indicating the movement of widespread spraying of the figure of cerebral subject. A political position that does not ignore the advances of neuroscience and the importance of the brain as one model to explain certain phenomena, but that challenges the fetishization and autonomization of such model, is embraced, pointing out the risks of such processes.

Keywords: *Cerebral subject, neurochemical self, subjectivation, media, social psychology.*

Los Medios de Comunicación y el Proceso de Difusión de la Figura del Sujeto Cerebral

Resumen

La expresión “sujeto cerebral” se refiere a una forma de relación consigo que expresa los modos contemporáneos de subjetivación, los cuales tienen tomado el cerebro como referencia para el sentimiento de identidad, definiendo lo que somos y lo que/como debemos ser. Nuestro objetivo es analizar el modo como la figura del sujeto cerebral es vehiculada en los medios de comunicación. Este análisis se hará a partir de reportajes presentados en dos telediarios brasileños. Entendemos que los reportajes posibilitan la comprensión del modo como el lenguaje científico-académico es agregado en el cotidiano, propiciando una ‘difusión’ y naturalización de la figura del sujeto cerebral. Desde la perspectiva de la ontología del presente, propuesta por Michel Foucault, proponemos cambiar lo que los reportajes vehicular de la posición de evidencia para la posición de problematización. Al analizar reportajes que vehicular lo que ocurre en el cerebro como explicación para comportamientos y trastornos mentales, discutimos la ambigüedad del significado de la palabra “explicación”, así como la diferencia entre el cerebro ser entendido como causa de determinado fenómeno o condición de posibilidad para que el ocurra. Desde tres reportajes

que vehiculan informaciones sobre diferencias o similitudes entre los cerebros, respectivamente, de homosexuales y heterosexuales, pedófilos y no pedófilos, psicópatas y no psicópatas, discutimos las diferencias entre la delimitación de hechos y la atribución de valores a tales hechos, así como posibles efectos de la confusión entre los dos procesos. Presentamos todavía, una serie de reportajes en los que el cerebro surge como matriz explicativa para fenómenos muy diversos, apuntando el movimiento de generalización y difusión de la figura del sujeto cerebral. Afirmamos un posicionamiento político que no desconsidera el avance de las neurociencias y la importancia del cerebro como uno de los modelos explicativos para determinados fenómenos, pero contesta la fetichización y autonomización del mismo, llamando la atención para los riesgos de tales procesos.

Palabras-clave: *Sujeto cerebral, yo neuroquímico, subjetividad, medios de comunicación, psicología social.*

Les Médias et le Processus de Pulvérisation de la Figure du Sujet Cérébral

Résumé

L'expression "sujet cérébral" veut dire d'une forme de relation avec lui-même qui extériorise les mouens contemporains de subjectivation, lesquels ont pris le cerveau comme référence au sentiment d'identité, pour définir ce que nous sommes et ce que/ comme nous devons être. Notre objectif est de faire une analyse des moyens comme la figure du sujet cérébral est véhiculé dans les médias, à partir des reportages présentées en deux programmes de la télévision brésilienne. Nous comprenons que les reportages donnent la possibilité de compréhension du moyen comme le langage scientifique-académique est prise dans le quotidien et comme ceci permet une pulvérisation et naturalisation de la figure du sujet cérébral. À partir de la perspective de l'ontologie du présent, proposée par Michel Foucault, nous voulons modifier ce que les reportages véhiculent sur la proposition d'évidence pour une position de problématisation. À analyser les reportages qui véhiculent ce qui se passe avec le cerveau comme explication pour des conduites et tourments mentaux, nous avons discuté l'ambiguïté de la signification

de la parole explication et de la différence entre le cerveau compris comme cause d'un certain phénomène ou comme condition de possibilité pour que ce phénomène se passe. À partir des trois reportages qui véhiculent des informations sur les différences ou similitudes entre les cerveaux, respectivement, des homosexuels et des hétérosexuels, des pédophiles et des non pédophiles, des psychopathes et des non psychopathes, nous avons discuté les différences entre la délimitation des faits et l'attribution des valeurs à ces faits, ainsi comme des possibles effets de confusion entre les deux processus. Nous avons aussi présenté une série de reportages où le cerveau apparaît comme matrice explicative pour des phénomènes les plus diverses, à signaler les mouvements de généralisation et pulvérisation de la figure du sujet cérébral. Nous avons affirmé une position politique qui ne déconsidère pas la marche des neurosciences et l'importance du cerveau comme un des modèles explicatifs de certains phénomènes, mais qui fait une discussion sur les fétichisations et les autonomisations du même, de manière à attirer l'attention pour les risques de ces processus.

Mots-clés: *Sujet cérébral, moi neuroschimique, subjectivité, les médias, psychologie sociale.*

A Centralidade do Corpo no Contemporâneo: a Emergência do “Sujeito Cerebral” e do “Eu Neuroquímico”

Uma série de autores tem destacado a centralidade que o corpo e, mais ainda, o cérebro e seus mecanismos de ação têm assumido na cultura ocidental contemporânea. Mas o que se entende aqui por centralidade?

Costa (2004) afirma que se está vivendo um modo de “cultura somática”, também chamada “cultura do corpo”. Segundo o autor, falar na centralidade que o corpo adquire na cultura atual não implica pensar se se despense mais ou menos tempo no culto ao corpo em si. O que, assim, define essa cultura é o fato de se pensar o corpo, sua materialidade física e características biológicas, como matriz explicativa dos atos psicológicos, constituindo-se em referência para o sentimento de identidade, definindo o que se é e o que

se deve ser. Trata-se de uma relação particular que se estabelece entre a vida psicológico-moral e a vida física, tendo em vista o que Costa (2004) nomeia como virada corporal, caracterizada por uma passagem do corpo sentimental, forjado pela educação burguesa do século XIX até meados do século XX, para o corpo tomado em sua materialidade física, emergente a partir do século XX, no contexto de avanços da medicina (descobertas das neurociências, da psicofisiologia, avanços das tecnologias médicas, entre outros). Essa passagem insere novos marcadores nos processos de subjetivação, ou seja, no modo como é possível fazer uma experiência de si no período contemporâneo.

Mais do que o corpo – enquanto materialidade física – pode-se dizer que o cérebro tem se tornado central na cultura atual, pois a ele se atribui não só o “comando” do corpo como um todo, como também dos atos psicológicos e sociais. As expressões *sujeito cerebral* (Ehrenberg, 2009; Ortega, 2008; Ortega & Bezerra Jr., 2006; Vidal, 2005) e *eu neuroquímico*¹ (Rose, 2003, 2007; Rose & Spink, 2010) caracterizam o modo pelo qual o cérebro e seus mecanismos de ação tornaram-se referência, muitas vezes de modo reducionista, para explicar o que se é, e como se deve/pode ser e intervir sobre si mesmo.

Ortega e Bezerra Jr. (2006) afirmam que, de um órgão do corpo humano, o cérebro passou a ser entendido como um ator social, que define os indivíduos enquanto sujeitos. Segundo Vidal (2005), o cérebro constitui-se como o único órgão do corpo que precisa ser exclusivamente do indivíduo para que seja ele mesmo. A expressão disso é a resposta à interrogação filosófica: se fosse possível um transplante de cérebro, o corpo ganharia um cérebro ou o cérebro ganharia um corpo? O cérebro ganharia um corpo! A noção de *sujeito cerebral* busca caracterizar e evidenciar a crença contemporânea de que o cérebro é a estrutura mínima que define o sujeito, que designa a identidade e a essência do mesmo, tornando-o indispensável para a sua própria compreensão.

Nikolas Rose (2007) sugere a expressão *eu neuroquímico* para caracterizar o fato de se passar a entender a própria subjetividade a partir do próprio cérebro e de seus aspectos neuroquímicos, os

1 Tradução livre de *neurochemical selves*.

quais fornecem uma linguagem a partir da qual é possível nomear e dar sentido às experiências vividas. Segundo o autor, a emergência do eu neuroquímico ocorreu no momento em que os desejos, humores e comportamentos deixaram de ser remetidos a um espaço psicológico interior para serem identificados com o cérebro, em um registro bastante específico: o neuroquímico. Apesar de não ser necessariamente uma novidade o fato de o cérebro ser utilizado para explicar doenças mentais ou comportamentos, no contemporâneo, tal utilização se dá a partir de um novo estilo de pensamento², que determina não só as formas de explicação consideradas válidas, como também o que há para ser explicado. Uma das características desse novo estilo de pensamento é a “molecularização” (Rose, 2007). Diferentemente da biologia “molar” (caracterizada pelo corpo visível, órgãos, tecidos e células), a biologia molecular enfatiza os elementos intracelulares, a ação dos neurotransmissores e a ação dos genes. Nessa perspectiva, uma doença mental, por exemplo, pode ser compreendida simplesmente como um comportamento, consequência de algum tipo de erro ou deficiência em algum dos elementos do cérebro orgânico, que deve ser consertado. Outra característica desse novo estilo de pensamento é a ênfase na visibilidade, principalmente por meio das modernas técnicas de produção de imagens do funcionamento cerebral (como as tomografias computadorizadas, ressonância magnética funcional, entre outras). Como apontado por Rose (2007), essas técnicas não têm apenas a função de educar, mas sim, a função clínica na determinação do diagnóstico e tratamento medicamentoso. Elas participam de uma reformulação no modo de conceber o sofrimento psíquico, na qual o sujeito (ou a vivência de um sofrimento por ele) deixa de ser acessada pela escuta para ser visualizada no cérebro.

A emergência da figura do *sujeito cerebral* e do *eu neuroquímico* tem implicações em vários âmbitos da vida, passando pelos modos de intervenção no campo psi³ até resultar em mudanças no modo de relação que as pessoas estabelecem no cotidiano.

Em relação ao campo da psiquiatria e saúde mental, por

2 Nikolas Rose utiliza a noção de “estilos de pensamento” a partir da obra de Ludwik Fleck.

3 O campo psi compreende a psicologia, a psiquiatria e a psicanálise.

exemplo, Ehrenberg (2009) situa a tradicional tensão “entre uma concepção do homem como ser corporal e cerebral e uma concepção adversa do homem como ser social e falante” (p. 188). Dentro das disputas engendradas no campo do saber, o autor identifica duas posições das neurociências, caracterizadas como o *programa fraco* e o *programa forte*. O primeiro “visa o progresso no tratamento de doenças neurológicas (Parkinson, Alzheimer) e a descoberta dos aspectos neuropatológicos das doenças mentais, como as esquizofrenias” (Ehrenberg, 2009, p. 189). Já o segundo, sobre o qual o autor coloca ênfase, vai um pouco mais além das pretensões do primeiro. No plano filosófico, busca identificar o conhecimento do cérebro ao conhecimento de si mesmo, enquanto no plano clínico, busca uma fusão entre neurologia e psiquiatria, o que resultaria no tratamento neuropatológico das psicopatologias. Nesse sentido, o cérebro não consiste apenas em uma das dimensões possíveis para a compreensão do sujeito, mas sim, na única dimensão válida e considerada verdadeira, imprimindo a tônica do reducionismo biológico.

Além das forças colocadas em tensionamento no campo da psiquiatria e saúde mental, as novas formas de relação com o corpo têm repercussões em outros âmbitos da vida. Alguns autores discutem as novas formas de sociabilidade emergentes (Ortega, 2008; Rose, 2007), a predominância e o grande crescimento no uso de psicofármacos (Ortega, F., Barros, D., Caliman, L., Itaborahy, C., Junqueira, L., & Ferreira, C. P. (2010); Rose, 2003), associado à criação de um complexo farmacêutico-mercadológico com refinados mecanismos de propaganda (Rose, 2003), além do encobrimento de conflitos de interesses na produção e divulgação de pesquisas científicas (Ortega et al., 2010). Ao se mencionar a predominância dos psicofármacos não se quer referir apenas ao fato de eles serem usados em tratamentos, sob orientações médicas, mas ao de terem sido convertidos em pílulas da felicidade, consumidas de forma generalizada, borrando os critérios de patologia e normalidade. Azize (2008), por exemplo, analisa as propagandas de laboratórios farmacêuticos como estratégias de promoção de *enhancement*, que envolvem situações em que as medicações não se constituem apenas em tratamento, mas em um meio de promover o melhoramento de funções cognitivas de pessoas consideradas saudáveis, o que coloca em debate os limites éticos da intervenção medicamentosa.

Rose (2003) ressalta ainda o impacto e o movimento de generalização dessa nova forma de pensar e agir, perpassando as relações de trabalho, escolares, familiares, esportivas, entre outros aspectos. Vidal (2005), por sua vez, aponta a expansão da “neurocultura”, expressa por meio das derivações “neuro”: neuroeducação, neurofilosofia, neuropsicologia, neuroeconomia, neuroneurotecnologia, neurofitness, neuropreservação – apenas para citar alguns exemplos da disseminação do cérebro como marcador nos processos de subjetivação.

Tais impactos sociais e culturais desencadeiam uma série de questões éticas e políticas, justificando o exercício de problematização proposto neste texto. Aqui, portanto, pretende-se centrar os esforços na análise do modo como a mídia participa do processo de veiculação da figura do “sujeito cerebral” e do “eu neuroquímico”, auxiliando na pulverização - aqui entendida em seu sentido de proliferação, disseminação - e naturalização de tais lógicas de pensamento.

Mídia: Circulação do Saber Científico e Produção de Subjetividade

Segundo Rose (2007), tem-se observado uma série de mudanças no modo como as pessoas relacionam-se consigo mesmas, tendo as mídias de massa um importante papel nesse processo. Por intermédio da disseminação de informações em diferentes meios (televisão, rádio, sítios da Internet, programas educativos na escola, postos de saúde), o cotidiano é perpassado por uma série de “descobertas científicas”. Essa “pulverização” de informações possibilita que, facilmente, temas como o nível de colesterol ou triglicérides entrem em conversas cotidianas e corriqueiras, alterando a forma de relação das pessoas consigo mesmas.

Esse aspecto também é observado por Ehrenberg (2009), ao mencionar o modo como a descrição e a compreensão dos comportamentos sociais, tendo como referência o cérebro, são suscetíveis de entrarem na linguagem comum. “Esse órgão não pode ser mais considerado hoje somente como um objeto científico e médico, ele

foi promovido também a ator social. A opinião pública está em vias de adotar a idéia de que nossas dificuldades relacionais e psicológicas não são pessoais, mas neuroquímicas? ” (p. 189)

É partindo dessa dimensão social de constituição dos processos de subjetivação que se propõe tomar como objeto de análise reportagens veiculadas em dois telejornais de grande audiência no Brasil.

Entende-se a função das reportagens veiculadas na mídia da mesma maneira que Santos (2002) entende as propagandas: elas não inauguram discursos inéditos em relação aos modos de relação com o cérebro, mas expressam um conjunto de práticas articuladas (da medicina, neurologia etc .) que nelas se atualizam e se multiplicam, sendo ao mesmo tempo efeito e produção. “Eles são, por assim dizer, propaga(ndea)dores de alguns desses discursos e representações, fazendo-os circular, ao mesmo tempo em que apresentam as suas especificidades” (Santos, 2002, p. 21).

Segundo Meyer (2000), a mídia televisiva participa e tem importante papel nos processos de aprendizagem e produção de sujeitos, ao lado de outras instâncias - mídia impressa, programas formais de educação e ações de educação em saúde realizadas em unidades de saúde. Fischer (2000) aponta para a presença, na mídia, dos discursos sobre como se deve proceder, ser e estar neste mundo, borrando os limites entre público e privado, mesclando ciência e senso-comum. Afirma ainda que “o discurso da medicina, o discurso político, o discurso da psicologia, o discurso acadêmico – mesmo que tenham sua vida própria nos campos específicos de origem – cada vez mais “necessitam” estar presentes no grande espaço da mídia, onde não só ampliam seu poder de alcance público, como conferem à própria mídia, ao próprio meio, um poder de verdade, de ciência, de seriedade” (Fischer, 2000, pp. 111-112)

É a partir da compreensão de que a mídia constitui-se como um dos suportes de proliferação de determinados modos de se relacionar e experimentar formas de ser e habitar o contemporâneo que se decidiu tomá-la como objeto de análise.

A Ontologia do Presente como Perspectiva de Análise

A análise proposta insere-se na perspectiva de uma “ontologia do presente”, também denominada “ontologia crítica de nós mesmos” (Foucault, 2005). Tal perspectiva não corresponde a uma teoria, uma doutrina ou corpo de saber, mas sim a “uma atitude, um êthos, uma vida filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível” (Foucault, 2005, p. 351).

A pergunta, perspectivada pela ontologia do presente, não corresponde a “quem somos nós”⁴, mas sim a “o que se passa conosco”, na direção de uma espécie de diagnóstico do presente. Tal diagnóstico busca evidenciar as contingências que criam, essencializam e naturalizam determinados objetos, a partir da constituição de regimes de verdade. Além disso, busca criar possibilidades de resistência e afirmação de modos plurais de existência, ao invés de identidades estereotipadas, forjadas, por exemplo, em torno da sexualidade, da loucura ou da doença, com base na matriz explicativa do determinismo biológico.

A noção de ontologia do presente conecta-se de modo direto com a noção de produção de subjetividade desenvolvida por Foucault. Ao buscar um diagnóstico daquilo que as pessoas se tornaram, mas também daquilo na qual diferem (em relação a outros períodos históricos), Foucault desenvolve a noção de sujeito como processo, efeito de práticas sociais datadas. Como enfatizado por Santos (2010), ao propor uma “ontologia” que tradicionalmente designa “estudo do ser”, Foucault não entende haver uma essência do sujeito a ser buscada, mas sim condições de possibilidade a partir das quais se é subjetivado. O diagnóstico do presente busca abrir brechas para que, ao invés de identidades ou essências, se possa apostar em modos plurais de existência.

Delimitam-se como objeto de análise as reportagens veicula-

4 Tal pergunta poderia denotar uma perspectiva essencialista e transcendental, o que é recusado por Foucault. Antes de afirmar ou buscar essências, Foucault busca demonstrar que elas são constituídas “peça por peça, a partir de figuras que lhe são estranhas”.

das em dois telejornais da rede globo: o Jornal Hoje (JH) e o Jornal Nacional (JN). O Jornal Nacional é um dos telejornais mais antigos da televisão brasileira, segundo o sítio do telejornal⁵, e sua equipe de jornalistas conseguiu transformá-lo no “mais importante noticiário brasileiro, alcançando altos índices de audiência”. O programa vai ao ar de segunda a sábado, por volta das 20h15min. Já o Jornal Hoje estreou em 1971, no Rio de Janeiro, passando a ser exibido em nível nacional em 1974. Tem como proposta se constituir como uma revista semanal ou telejornal-revista, apresentando notícias diárias mescladas com quadros especiais e entrevistas. O sítio do telejornal⁶ destaca que, na sua configuração atual, os temas de comportamento humano, social e ético ganham destaque, bem como as reportagens sobre cultura. Também é destacado o caráter coloquial da linguagem apresentada nesse telejornal, buscando atingir o grande público. Vai ao ar de segunda a sábado, por volta das 13h15min.

Em um primeiro momento realiza-se uma busca de reportagens no sítio eletrônico desses telejornais, digitando-se na área de busca a palavra “cérebro”. Os endereços fornecem a possibilidade de se assistir à reportagem tal qual veiculada na televisão, como também apresentam a decupagem das reportagens. A análise ocorreu a partir da decupagem fornecida, colocando ênfase nas informações verbais.

A partir de uma leitura inicial do material selecionado⁷, tomam-se algumas reportagens como analisadores da problemática em questão, de forma a evidenciar as linhas de força presentes no campo de análise, assim como o modo pelo qual a mídia participa da veiculação da figura do sujeito cerebral. Segundo Barembliit (1996), o analisador consiste em uma situação que, colocada em análise, propicia a explicitação dos conflitos e as estratégias para sua reso-

5 <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>

6 <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/04/historia-do-jornal-hoje.html>

7 Entre janeiro/2008 – julho/2010 houve a ocorrência de 102 reportagens no Jornal Hoje e 93 reportagens no Jornal Nacional veiculando a palavra cérebro. É necessário deixar claro que não se teve por objetivo fazer uma análise exaustiva desse conjunto de reportagens, mas sim tomar algumas delas como analisadores, permitindo evidenciar a emergência do cérebro como um importante marcador nos processos de subjetivação e o papel da mídia na sua difusão.

lução. O analisador possibilita evidenciar os jogos de saber-poder presentes em determinadas situações. Essa ferramenta conceitual está em consonância com a perspectiva da ontologia do presente, pois permite, a partir do lugar de análise, estranhar as reportagens tal qual são apresentadas no cotidiano – como entretenimento, informação a ser absorvida e aceita como algo verdadeiro e natural. Segundo Medeiros e Guareschi (2008), a mídia deve ser pensada como uma evidência que naturaliza os objetos dos quais fala. A partir dessa compreensão, entende-se que tomá-la como analisador permite deslocá-la do lugar de evidência para o lugar de problematização, operando um movimento de análise que possibilita a desnaturalização daquilo que é veiculado.

Analisador 1: A tensão entre natureza e sociedade

O título da reportagem é “Veja como funciona o cérebro quando falta água, comida e abrigo”. O cenário é o do pós-terremoto ocorrido no Haiti, em janeiro de 2010. Os personagens são as centenas de pessoas que ficaram desabrigadas, feridas, com fome, sede, além de sofrerem com as perdas familiares, de bens etc. A cena mostra dezenas de haitianos tentando pegar, à força, água e alimentos de um caminhão da Organização das Nações Unidas (ONU). A sensação é de caos, de animalidade, sendo os comportamentos qualificados como próximos a “primitivos”. Após descrever a cena, segue a informação:

Segundo o médico, uma das explicações para comportamentos como esses no Haiti está no cérebro humano. Exatamente no córtex, a parte mais externa e nobre do cérebro. É nele onde estão as células nervosas responsáveis por informações morais e éticas. É onde nós aprendemos o que pode e que não pode ser feito. Numa situação de transtorno, é como se essa região ficasse anestesiada. “É como se a gente tivesse uma evolução de cérebros dentro do cérebro. Então, o cérebro réptil é lá no meio, o cérebro de ave é mais para cima, o cérebro de mamífero mais em cima e de humano é a última camada. Numa situação como essa há uma regressão

até chegar ao limite mínimo de animalidade que o ser humano pode possuir”, conclui Eduardo. (Jornal Hoje, 19/01/2010) .

O médico consultado na reportagem (Eduardo) afirma, ainda, que os comportamentos decorrentes da tragédia (como as pessoas buscarem abrigo em lugares sem teto, para proteção) teriam um caráter quase instintivo, não havendo um movimento organizado para isso.

Nessa reportagem, assim como nas demais analisadas, é comum especialistas serem chamados para explicar os fenômenos em questão: médicos psiquiatras, neurologistas, psicólogos, entre outros. Como afirmado por Foucault (2003), o discurso não é conformado apenas pelo que é dito – o conteúdo da mensagem - mas também por outros elementos que circundam o dizer, como por exemplo: por quem é dito, em que contexto e como. Na configuração social atual, costuma-se atribuir ao especialista o lugar de verdade, sendo tais lugares afirmados nas reportagens. Outra característica observada nas reportagens é que muitas delas apresentam imagens do cérebro, mostrando a ação dos neurotransmissores em diferentes cores, bem como a localização de determinadas características ou comportamentos. Esse aspecto reafirma a ideia de que é possível localizar no cérebro aquilo que se é, reafirmando ainda a cultura visual característica da sociedade contemporânea.

Nessa reportagem, também chama a atenção o modo como o cérebro e seus mecanismos de ação são propostos como “explicação” para o fenômeno em questão. Ehrenberg (2009) aponta a ambiguidade que a palavra “explicação” carrega, tendo em vista que pode ser entendida tanto como “causa”, quanto como “razão”. Ehrenberg (2009) recorre a Wittgenstein para distinguir causa e razão. A primeira define uma regularidade natural, constatável empiricamente e de forma previsível (ou seja: desastre de grandes proporções = pessoas se comportando desordenadamente, primitivamente). A causa não tem um autor, pois efeito e causa são estabelecidos mecanicamente. Já a razão ou motivo tem um autor, o qual não pode ser separado de suas razões. Nesse sentido, o cérebro não pode ser tomado como “causa”: “a existência de alterações cerebrais não é um argumento: na medida em que possuímos um corpo, é nor-

mal que múltiplas intermediações biológicas (neurotransmissores, sinapses, artérias cerebrais etc) nos façam sentir o que nós sentimos.” (Ehrenberg, 2009, p. 196).

Outra distinção apontada por Ehrenberg (2009) torna-se importante nesse contexto. Trata-se da relação entre a individuação e a individualização. Enquanto a individuação se refere à biologia, conferindo uma identidade ao sujeito dentro da espécie, a individualização é social e diz respeito ao sentido atribuído a tal identidade, sentido esse que não reside no cérebro, mas sim na vida social e relacional. Dessa forma, o objeto de que se tem ciúmes não pode ser separado de quem tem ciúmes; o luto não pode ser separado do enlutado. E, no caso da reportagem apresentada, o modo como as pessoas reagem à fome e à sede após um desastre natural não pode ser separado do desastre, das condições e contexto nos quais ele ocorre. Afinal, pode-se supor que a resposta a uma catástrofe no Haiti (um país-ilha, na lista dos mais pobres das Américas) não será necessariamente a mesma que no Japão, potência econômica “acostumada” a lidar com terremotos e desastres de grandes proporções.

Nesse sentido, afirma-se que o cérebro não existe enquanto entidade autônoma, dissociado de um corpo, de um contexto social, de uma historicidade. Na reportagem analisada, o modo de funcionamento do cérebro é uma resposta a certo fenômeno, em determinado contexto político, econômico e sociocultural.

Analizador 2: Transtornos mentais e Sujeito Cerebral

As distinções e ferramentas conceituais de análise propostas por Ehrenberg (2009), apresentadas no tópico anterior, também auxiliam na problematização do modo como transtornos mentais são apresentados e explicados nas reportagens. Encontra-se um grande número de reportagens que apresentam as disfunções cerebrais como explicação de doenças como a depressão, a síndrome do pânico, o transtorno obsessivo-compulsivo .

A doença [depressão] é resultado de uma combinação de fatores genéticos e químicos relacionados a substâncias no cérebro. Até as experiências vividas durante a infân-

cia influenciam. (Jornal Hoje, 08/04/2008)

Apesar de a ideia de que as experiências vividas na infância influenciam o desenvolvimento de psicopatologias não ser nova (pois também está presente na psicanálise freudiana, por exemplo), a novidade é que, atualmente, tal fato é explicado pelos impactos que tais experiências têm sobre o cérebro.

Em outra reportagem encontra-se a referência ao cérebro e neurotransmissores para explicar a síndrome do pânico:

A síndrome do pânico é o resultado de um desequilíbrio químico no cérebro: a captação da serotonina, um neurotransmissor responsável pelo bem estar, pára de acontecer e dispara a produção de outro neurotransmissor que ativa o sistema de alerta, a noradrenalina. Tudo isso provoca um intenso medo de morrer, palpitações, calafrios, náuseas e desmaios. (Jornal Hoje, 29/07/2008)

Há que se destacar que a continuação dessa última reportagem refere-se ao caso de uma mulher que desenvolveu a síndrome do pânico depois que um ônibus no qual estava foi incendiado, ocasião em que ela desmaiou e acordou sendo pisoteada, encontrando-se numa situação de grande desespero. Em uma situação como essa também fica evidente a discussão levantada por Ehrenberg (2009) em relação ao que é entendido como “explicação”, afinal, ela não pode ser dissociada do contexto e história de vida, além de do evento que desencadeou o processo.

É necessário enfatizar que não se trata de negar que “algo” se passa no cérebro de uma pessoa que vive um processo de sofrimento psíquico, rotulado por um diagnóstico. Porém, existe uma diferença entre o cérebro produzir alguma coisa e o cérebro ser uma das condições de possibilidade para que algo ocorra (Ibañes, 1994). Para explicitar essa diferença, recorre-se a uma metáfora, segundo a qual entender os processos de adoecimento psíquico recorrendo ao cérebro equivale a tentar entender como um grande artista (como Van Gogh) se tornou reconhecido e famoso analisando-se a estrutura (os pincéis, tintas e quadros) usada por ele. É evidente a necessidade da existência dessa estrutura para que

algo seja produzido, mas ela se constitui mais como condição de possibilidade do que como explicação.

Steven Rose (2006) considera que, diferentemente de doenças e desordens como o Mal de Alzheimer e o Mal de Parkinson, que estão associados a sinais neurológicos e neuroquímicos inegáveis, outras doenças ocupam uma área de preocupação bem mais difusa e inquietante. A depressão, por exemplo, é uma delas. Tratada em grande parte com psicotrópicos, pouco se indaga sobre a razão de sua existência na sociedade atual.

As perguntas sobre por que está ocorrendo esse aumento dramático na diagnose da depressão raramente são formuladas – talvez por medo de que revele um mal-estar, não no indivíduo, mas na ordem social e psíquica. Em vez disso, dá-se uma ênfase avassaladora ao que acontece dentro do cérebro e do corpo de uma pessoa. (Rose, 2006, p. 14).

Entende-se que essa ênfase avassaladora em relação ao cérebro implica tomá-lo como fetiche. Ou seja, um objeto de adoração e idolatria, sobrevalorizado em relação a qualquer outro aspecto. Além da fetichização, observa-se, também, um processo de autonomização dos objetos dos quais a matriz cerebral se coloca como explicação, desvalorizando e desvinculando as práticas e produções sociais implicadas em sua produção. Ao tentar explicar o sofrimento psíquico, por exemplo, a matriz cerebral se coloca como equivalente universal, homogeneizando as experiências subjetivas. Ou seja, é como se todas as pessoas diagnosticadas com depressão vivenciassem o sofrimento da mesma maneira. Tais processos implicam o risco de individualização e essencialização dos problemas sociais e comportamentais, fazendo com que se deixe de perguntar em que condições sociais e históricas determinados eventos se configuram como problema.

Analisador 3: As Diferenças Cerebrais – Fatos e Atribuição de Valores

Colocadas em sequência, algumas reportagens permitem destacar uma peculiaridade: o modo como as diferenças encon-

tradas no cérebro são usadas como explicação para condutas e comportamentos que são (ou que já foram) considerados desviantes ou indesejáveis. Selecionaram-se três reportagens nas quais esse aspecto é ressaltado. Elas fazem a “divulgação” de pesquisas científicas realizadas em torno dos temas da psicopatia, pedofilia e homossexualidade. Uma delas versa sobre a diferença do cérebro de psicopatas.

Ao comparar os cérebros de presidiários que cometeram homicídio, estupro e outros crimes bárbaros, com cérebros de cidadãos pacatos, foi possível perceber desvios nos neurônios que conduzem os impulsos magnéticos cerebrais. É como se a mente de um psicopata tivesse estradas interrompidas ou mesmo alteradas. Estradas por onde transita o pensamento. A pesquisa comprovou a diferença anatômica entre os cérebros de um psicopata e de uma pessoa considerada normal. Essa descoberta, segundo um cientista que participa do projeto, não só ajuda a entender o cérebro de um criminoso. Mas principalmente, abre caminho para o desenvolvimento de remédios e, quem sabe, a cura. (Jornal Nacional, 17/09/2009)

A segunda reportagem trata do cérebro de psicopatas/pedófilos.

O cérebro deles não apresenta alterações estruturais, mas funciona de forma diferente. Para o professor de neurologia é possível dimensionar falhas nessa região do cérebro, considerada um marcador corporal da emoção. “Pode existir uma falha da transmissão química entre os neurônios, uma falha da atividade elétrica dos neurônios. Esse indivíduo tem uma linguagem normal, uma noção normal, uma percepção normal e um raciocínio lógico normal. O único problema dele é que ele viola as nossas normas morais e sociais. Mais do que isso: ele não se arrepende”, explica Benito Damasceno, neurologista da UNICAMP. Os cientistas ainda não descobriram o que causa essa deficiência no funcionamento cerebral. (Jornal Nacional, 14/04/2010)

Uma terceira reportagem apresenta a semelhança entre os cérebros de gays e de pessoas do “sexo oposto”.

Uma pesquisa de cientistas suecos revelou que o cérebro dos homossexuais é similar ao do sexo oposto. O estudo foi recebido como um avanço na observação dos aspectos biológicos da orientação sexual. Homossexuais e heterossexuais: 90 pessoas participaram do estudo. Os cientistas fizeram exames de ressonância magnética e tiraram fotografias dos cérebros. O cérebro de um homem gay é mais parecido com o de uma mulher heterossexual do que com o de um homem heterossexual. Os dois hemisférios têm aproximadamente o mesmo tamanho. Há semelhança também no fluxo sanguíneo de uma parte que processa emoções. Já o cérebro de uma mulher homossexual se parece mais com o de um homem heterossexual. (Jornal Nacional, 17/06/2008)

Essas reportagens evidenciam a pertinência que o cérebro adquire na determinação da representação do eu, da definição do que é o sujeito – homossexual, psicopata ou pedófilo. Nesse contexto, é importante problematizar o fato de que parece existir uma pressuposição de que a diferença encontrada no cérebro, em si, diz alguma coisa, revela uma verdade, a “essência” sobre o sujeito. Mas, afinal, o que designa uma diferença encontrada na estrutura ou funcionamento cerebral?

Tal questão reativa a discussão sobre a divisão entre normalidade e anormalidade/patologia. Canguilhem (2009) discute as implicações da duplicidade de sentidos atribuídos à palavra “normal”, que pode se referir a um fato mensurável em si (aquilo que é mais comumente encontrado em uma espécie) ou, ainda, “aquilo que é como deveria ser”. Ou seja, essa palavra designa a um só tempo um fato e um valor atribuído ao fato por aquele que julga e faz uma apreciação de valor. Sendo assim, a diferença ou semelhança entre aspectos cerebrais em uma ou outra situação, em si, não diz muita coisa: o valor atribuído socialmente a tais aspectos é que determinará o modo de abordagem e intervenção. O cérebro de psicopatas, dizem os estudos, é diferente, o que abre caminho para tratamentos. O cérebro de gays é semelhante (apesar da referência ao “oposto

simétrico”: homens gays com mulheres e mulheres gays com homens) ao de heterossexuais, mas o que isso implica? Legitimidade? Possibilidade de tratamento? Que valor se atribui a essa “diferença” ou “semelhança”? Trata-se de algo “natural” ou “cultural”?

Ribeiro (2003) discute a ambiguidade de que se reveste o debate sobre o caráter natural ou cultural da homossexualidade, por exemplo. Segundo o autor, pensar a criminalidade como “natural” tem favorecido punições letais. Em relação à pedofilia, como divulgado na reportagem analisada, propõe-se tratamento. Já no caso dos homossexuais, caso se considere que eles o sejam por razões genéticas, isso poderia ajudar na luta contra a discriminação, ou a livrar os pais da “culpa” de terem cometido “erros” na educação dos filhos – sob o argumento de que é “natural” ser homossexual, seja por razões genéticas ou diferenças encontradas no cérebro. Mas exatamente o mesmo achado pode ter consequências completamente diferentes, “o homossexual poderia ser considerado um erro da natureza, um defeito genético, e ser eliminado já no feto” (Ribeiro, 2003, p. 22).

Dessa maneira, a questão que está em jogo é justamente evidenciar que não são os argumentos biológicos - a semelhança ou diferença encontrada no cérebro - que garantirão a conquista de uma abordagem ética, atravessada pela conquista de direitos, sendo esta definição e garantia assegurada de fato na esfera social e cultural.

É pertinente mencionar, ainda, que a ideia de compreender comportamentos, atos psicológicos e doenças mentais a partir de características do cérebro não é nova. Foucault (2002) relata uma série de práticas ao longo da era clássica, quando diferenças encontradas no cérebro serviam como explicação para a loucura. Destaca as análises de Meckel, que levava em consideração tanto aspectos visuais do cérebro – como a cor mais acinzentada ou esbranquiçada – assim como o peso de cubos do cérebro cortados por ele, indicando maior ou menor densidade. Segundo Meckel, o peso do cérebro variava conforme determinados estados patológicos. Ao autopsiar uma mulher que durante anos havia sido “maníaca e estúpida, ininterruptamente”, percebe que a “substância cinzenta” de seu cérebro estava muito pálida, e que a substância medular estava demasiadamente branca. Foucault (2002) também aborda as análises de Willis

sobre a demência, cujas causas eram procuradas na matéria cerebral, que poderia ser mais quente ou fria, pequena ou abundante, mais seca ou molhada; assim como no formato do cérebro (“globoso” ou com “saliências anormais”), e assim por diante. Segundo o mesmo autor, essa reestruturação da noção de causalidade na era clássica tornará possível, na era seguinte, “o materialismo, o organicismo e, de certa forma, o esforço de determinação das localizações cerebrais” (Foucault, 2002, p. 221).

Essa passagem não conduz a uma linearidade em relação ao modo como o cérebro é hoje tomado como referência, mas aponta algumas das condições de possibilidade para que ele assim se constitua na atualidade. A matriz explicativa e a importância conferida às diferenças cerebrais modificaram-se, tomando novas tecnologias e novos discursos como suporte. No entanto, há também uma continuidade: a ideia de que as diferenças cerebrais “em si” explicam determinados fenômenos e podem servir de base para a tomada de decisões (o que tratar ou não tratar, o que considerar normal ou patológico, como tratar etc). Caponi (2007) afirma que a tendência de se construir explicações biológicas para comportamentos considerados socialmente indesejados caracterizou grande parte do discurso da higiene e da medicina legal do final do século XIX/início do século XX. Segundo a autora, o que é surpreendente é o fato de que essas explicações, longe de desaparecerem, parecem ter ganhado mais força no final do século XX e início do século XXI, a partir dos desenvolvimentos da neurociência, da genética e da sociobiologia. Essas áreas criaram novas estratégias explicativas, muitas vezes reiterando teses do determinismo biológico clássico, que se propõe a localizar os sintomas no corpo, sob novos argumentos: sinapses inadequadas, determinação genética e deficiências neuroquímicas.

Dessa maneira, observa-se que, apesar de o cérebro não ser uma imagem totalmente nova, ele se agencia a uma nova configuração no contemporâneo que tende a apresentá-lo como novidade. Um dos riscos de tal processo é se acreditar, assim como foi defendido por outros movimentos ao longo da história (eugenia, por exemplo), que as diferenças, semelhanças e modos de funcionamento do cérebro “em si” significam alguma coisa, uma verdade “natural”, desconsiderando-se o caráter social e histórico que configura as práticas e a produção de saberes.

A Pulverização do Sujeito Cerebral

O conceito de pulverização auxilia a pensar como o modo de relação instaurado pelo “sujeito cerebral”/“eu neuroquímico” é veiculado na mídia. Pulverizar, segundo o dicionário⁸, significa fazer algo sólido virar pó, ou transformar um líquido em jato de gotas tenuíssimas. Esses sentidos comportam um paradoxo: podem designar enfraquecimento e desaparecimento; ou então, proliferação e espalhamento. Neste artigo, entende-se “pulverização” como um movimento de proliferação da figura do sujeito cerebral no cotidiano, acompanhado de processos de microcristalizações que naturalizam determinado modo de ser, agir e narrar a experiência. Longe de enfraquecer a figura do sujeito cerebral, o modo pulverizado pelo qual se processa na mídia essa questão faz com que, no cotidiano, tal modo de pensar e agir pareça natural. Essa ideia de pulverização auxilia a pensar o modo como se processa o que Foucault (1979/2006) chamaria de uma microfísica do poder. Ou seja, a maneira pela qual a figura do sujeito cerebral e o modo de relação que ele instaura insere-se na dinâmica das relações de forças, tornando-se algo cotidiano, naturalizado e demandado por diferentes instâncias. Diferentemente das análises de cunho marxista, que pressupõem o poder como algo que se detém e que é emanado do Estado, Foucault ressalta o poder como relação, algo que se exerce em diferentes pontos e direções de modo difuso. Nesse sentido, não existe um Estado ou uma mídia manipuladora que sobredetermina as vidas dos indivíduos e seus modos de relação. Entende-se a mídia como uma participante desse processo, uma instância que coloca os sujeitos em relações de forças. Seu diferencial é a capacidade de alcance de um grande número de pessoas, em grande escala, além do papel que assume, hoje, como dispositivo pedagógico.

A análise das reportagens evidencia diferentes âmbitos nos quais o cérebro se investe de um sentido de identidade, tornando-se mais do que um órgão: uma entidade autônoma. Nesse sentido, falar em exercício físico e seus benefícios não significa mais, necessariamente, falar em bem-estar, em sociabilidade, mas sim

8 Consulta ao dicionário on line Michaelis/UOL. Acesso em 12 de setembro de 2010. <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=pulverizar>

no que ele desencadeia no cérebro (como na reportagem intitulada “Fazer exercícios é uma questão de inteligência”, veiculada no Jornal Nacional, no dia 08/03/2010). Falar sobre alimentação saudável implica discorrer sobre como cada substância atua no cérebro. Há até mesmo alimentos que “comandam” o cérebro e se relacionam com ele, segundo uma metáfora muito significativa descrita por uma profissional em uma reportagem: “Uma é a vitamina B6, que melhora o seu estado de humor, o magnésio que fala com o seu cérebro para ele ter calma nas decisões e o ácido fólico que é uma vitamina antidepressiva” (Jornal Hoje, 07/01/2010). O cérebro e a rede neural aparecem em temas de enredos e desfiles de escolas de samba, como foi o caso da Escola carioca Porto da Pedra, que em 2009 teve como tema do seu enredo: “Sem neurônio não há evolução”. Em uma das alegorias da escola, o jogo de luzes e os movimentos representavam as conexões nervosas do cérebro. Entrevistada sobre o tema, a coreógrafa afirmou: “São os neurônios que trabalham pra gente poder criar as coisas novas”. (Jornal Hoje, 24/02/2009).

Para além de um saber, uma teoria discutida entre cientistas, há uma disseminação do modo de relação engendrado por meio do “sujeito cerebral” que provoca uma mudança na forma de as pessoas descreverem e narrarem suas experiências. Em uma reportagem em que o uso de drogas é descrito por adolescentes, um deles afirma que “quando eu usava, me tornava uma pessoa de que eu não gostava. Isso mexe com seu cérebro, não tem uma pessoa que não relate isso” (Jornal Hoje, 11/02/2009). Outra reportagem salienta a ideia de “um cérebro pedindo folga”: “A jornada no mercado financeiro é de 11 horas – e o cérebro de Júlio anda pedindo as merecidas folgas. O cérebro, assim como o resto do corpo, precisa se manter em forma, descansado e livre do stress do dia a dia” (Jornal Hoje, 04/01/2008). Da mesma maneira, uma reportagem enumera o que é bom e o que é ruim para os cérebros das crianças: “O que é bom para o cérebro infantil: - Seja amável, afetuoso e responsável com as crianças. - Responda adequadamente à curiosidade natural da criança. (...). O que é ruim para o cérebro infantil: - Desnutrição. - Infecções e infestações. - Trauma, abuso e negligência (...)” (Jornal Hoje, 10/03/2009). Essa descrição torna-se paradigmática dos modos de ser e experimentar a

vida a partir da figura do “sujeito cerebral”, evidenciando o cérebro como suporte de uma forma de ser e experimentar o mundo. Constitui-se em um modo de narrar a experiência de si que toma o cérebro como sujeito. Assim, o carinho e o afeto em relação às crianças fazem bem “para o cérebro”; pesquisar na Internet faz bem “ao cérebro idoso” (Jornal Nacional, 20/10/2010); a paixão “é nada mais nada menos que um conjunto de processos químicos e hormonais que acontecem no ser humano”, como explica um especialista. A reportagem segue informando que, apesar dos sentimentalismos, “a ciência diz que a paixão acontece mesmo é no cérebro” (Jornal Nacional, 12/06/2008).

Esses são apenas alguns exemplos que manifestam o caráter de generalização e pulverização de alguns traços que expressam o “sujeito cerebral” e o “eu neuroquímico”. Em alguns dos casos relatados, a novidade não se constitui necessariamente na prescrição dada (por exemplo, dar afeto para as crianças faz bem), mas sim na justificativa para que isso ocorra, tendo o cérebro como suporte explicativo, desconsiderando-se os efeitos na estruturação edípica, os traumas psíquicos, entre outras explicações possíveis, segundo outras perspectivas teóricas.

Considerações Finais

Deve-se ressaltar que a intenção deste artigo não é negar as contribuições decorrentes das neurociências. Porém, ao perceber a força que o cérebro adquire na justificação de determinados fenômenos - podendo justificar tratamentos ou penalidades, circunscrevendo possíveis “culpados” ou “inocentes” - busca-se problematizar o risco dos processos de fetichização e de autonomização do cérebro em relação ao campo social, assim como da pretensão de tomá-lo como explicação universalizante, reducionista e determinista. O risco de tais processos é a individualização e essencialização dos problemas sociais e comportamentais, fazendo com que se deixe de perguntar em que condições sociais e históricas determinados eventos se configuram como problema. Esses processos, ao colocar em campos distintos e dicotômicos a técnica e a política, também podem encobrir o jogo de interesses e disputas que caracterizam as práticas sociais.

Busca-se demarcar o quanto pesquisas não estão desvinculadas dos efeitos advindos a partir dos resultados obtidos pelas mesmas – ou seja, não pode ser possível estudar as diferenças entre o cérebro de gays e heterossexuais, por exemplo, sem se questionar acerca das implicações dessa pergunta e os efeitos dos achados. Não é o achado biológico em si – a semelhança ou diferença cerebral - que designa o que se fará com ele, mas o modo como tais aspectos serão valorados a partir de discussões no plano da ética e da política.

Mediante a análise de reportagens veiculadas em dois telejornais de grande audiência no Brasil foi possível evidenciar a participação desses veículos midiáticos no processo de pulverização e naturalização da figura do sujeito cerebral. Pôde-se observar o quanto se mesclam pressupostos da ciência e do saber popular, tornando a figura do sujeito cerebral acessível a qualquer um, uma vez que lhe é conferido um lugar de verdade sobre o sujeito. As reportagens também permitiram evidenciar a tensão permanente entre natureza e cultura, biologia e sociedade, atualizada a partir de novas questões e novas configurações de saber-poder.

Por outro lado, a análise realizada possibilitou o exercício de desnaturalização daquilo que é veiculado em tais reportagens, evidenciando as ambiguidades que revestem determinados modos de explicação, as disputas em questão, os jogos de saber-poder e os possíveis efeitos produzidos⁹.

Referências

- Azize, R. L. (2008). Uma neuro-weltanschauung? Fisicalismo e subjetividade na divulgação de doenças e medicamentos do cérebro. *Mana*, 14(1), 7-30.
- Baremblytt, G. (1996). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: Teoria e prática* (3a ed.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

9 Agradecimentos ao professor Dr. Luis Henrique Sacchi dos Santos, que ministrou a disciplina “Sujeito Cerebral: a emergência do eu neuroquímico” no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, em 2010, fornecendo referências e discutindo a primeira versão deste artigo com o autor.

- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico (6a ed.)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Caponi, S. (2007). Da herança a localização cerebral: Sobre o determinismo biológico de condutas indesejadas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 17(2), 343-352.
- Costa, J. F. (2004). *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Ehrenberg, A. (2009). O sujeito cerebral. *Psicologia Clínica*, 21(1), 188-213.
- Fischer, R. M. B. (2000). Mídia e produção do sujeito: O privado em praça pública. In T. M. G. Fonseca, & D. J. Francisco (Orgs.), *Formas de ser e habitar a contemporaneidade* (pp.109-120). Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS.
- Foucault, M. (2002). *História da loucura na era clássica (6a ed.)*. São Paulo: Autêntica.
- Foucault, M. (2003). *A ordem do discurso (9a ed.)*. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2005). O que são as luzes? In M. B. da Motta (Org.), *Coleção ditos & escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamentos* (pp. 333-351). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2006). *Microfísica do poder (22a ed.)*. Rio de Janeiro: Graal. (Originalmente publicado em 1979).
- Ibañez, T. (1994). La construccion del conocimiento desde uma perspectiva socioconstruccionista. In M. Monteiro (Org.), *Conocimiento, realidade y ideologia* (pp. 39-48). Caracas, Venezuela: Asociacion Venezolana de Psicologia Social.
- Medeiros, P. F., & Guareschi, N. M. F. (2008). A mídia como ferramenta de pesquisa: Produção de saberes no cotidiano sobre a saúde das filhas deste solo [Edição especial]. *Psicologia & Sociedade*, 20, 87-95.
- Meyer, D. E. E. (2000). Educação em saúde e prescrição de "formas de ser e de habitar": Uma relação a ser ressignificada na contemporaneidade. In T. M. G. Fonseca & D. J. Francisco (Orgs.), *Formas de ser e habitar a contemporaneidade* (pp. 71-

- 86). Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS.
- Ortega, F. (2008). O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. *Mana*, 14(2), 477-509.
- Ortega, F., Barros, D., Caliman, L., Itaborahy, C., Junqueira, L., & Ferreira, C. P. (2010). A ritalina no Brasil: Produções, discursos e práticas. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 14(34), 499-510.
- Ortega, F., & Bezerra, B., Jr. (2006). Perspectivas: O sujeito cerebral. *Revista Viver*, 162, 16-17.
- Ribeiro, R. J. (2003). Novas fronteiras entre natureza e cultura. In A. Novaes (Org.), *O homem-máquina: A ciência manipula o corpo* (pp. 15-36). São Paulo: Companhia das Letras.
- Rose, N. (2003). Neurochemical selves. *Society*, 41(1), 46-59.
- Rose, N. (2007). *The politics of life itself: Biomedicine, power, subjectivity in the twenty-first century*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Rose, N., & Spink, M. J. (2010). Cérebro, self e sociedade: Uma conversa com Nikolas Rose. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 20(1), 301-324.
- Rose, S. (2006). *O cérebro do século XXI: Como entender, manipular e desenvolver a mente*. São Paulo: Globo.
- Santos, L. H. S. dos. (2002). *Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil: Uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção: 1986-2000*. Tese de doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Santos, M. F. C. (2010). A ontologia do presente e as artes da existência em Foucault. *Revista Saberes*, 3, 88 -100.
- Vidal, F. (2005). Le sujet cérébral: Une esquisse historique et conceptuelle. *PSN*, 3(11), 37-48. Recuperado de: <http://www.neuroculture.org/Vidalcerebralsubject.pdf>

Recebido em 01 de abril de 2011

Aceito em 12 de março de 2012

Revisado em 18 de junho de 2012